

Maria Lucia Refinetti
Rodrigues Martins

PÓS-GRADUAÇÃO em ARQUITETURA e URBANISMO: O QUÊ, AFINAL?

A oportunidade de coordenar o Programa de Pós-Graduação da FAUUSP, com suas oito áreas de concentração, mais de 500 alunos¹, entre regulares e especiais, 82 professores permanentes e uma produção anual de 130 títulos, entre teses e dissertações, permite uma considerável visão da abrangência temática e das dificuldades de produção de pesquisa em arquitetura e urbanismo, e instiga um tanto de reflexão. No caso da FAUUSP, o Escopo inclui design (gráfico e do produto) e Planejamento Urbano e Regional, que, em algumas universidades, constituem-se como programas independentes. O diálogo com outros programas, no âmbito de reuniões de área de Arquitetura e Urbanismo e Design do Sistema Capes², e com outras áreas no espaço do Conselho de Pós-Graduação da USP, complementa a visão de conjunto.

O presente texto resulta de apreensões a partir de dois processos: a vivência acima referida e a experiência de classificação de livros produzidos pelo conjunto dos programas de pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design no último triênio, tendo em vista o processo de avaliação dos programas pela Capes. É um pouco desse aprendizado que pretendo compartilhar nestas reflexões.

FORMAÇÃO, PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

A profissão de arquiteto e urbanista é regulamentada e a graduação é que dá o título e o acesso à prática profissional. O curso é pautado por diretrizes curriculares. Exige aporte teórico, referência prática e conhecimento de repertório.

Sem dúvida, é responsabilidade da pós-graduação trazer aportes à formação profissional, mas sua perspectiva é bem mais ampla. Pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado) é, essencialmente, pesquisa e produção de conhecimento: com desdobramento para o ensino, sem dúvida, mas, obrigatoriamente, muito mais.

A área de Arquitetura e Urbanismo se insere no grande campo das Ciências Sociais Aplicadas e resente-se, conseqüentemente, de aspectos que afetam todo o conjunto da área. De um modo geral, a área, assim como todas as que envolvem formação técnica, tem dificuldade de fazer-se compreender no campo da Ciência. O balanço das outorgas feitas pelas agências de fomento evidencia essa fragilidade. Dentre o conjunto das nove grandes

(1) 200 alunos de mestrado, 169 de doutorado e 341 alunos especiais.

(2) Para os não-familiarizados com o funcionamento da pós-graduação, cabe esclarecer que a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) é órgão vinculado ao Ministério da Educação, responsável pela acreditação e avaliação de programas de pós-graduação. Atua, também, no fomento à pesquisa, por meio de apoios e bolsas. O conjunto das áreas de conhecimento é organizado segundo 48 áreas, dentre as quais está Arquitetura e Urbanismo e Design. Essas 46 áreas se agregam em nove Grandes Áreas.

áreas³, as Ciências Sociais Aplicadas representam um porcentual reduzido, no conjunto do fomento, tanto em termos de bolsas quanto de apoio à pesquisa: na Capes, abrange por volta de 7,5% das bolsas⁴; no CNPq, responde por pouco mais de 5% das bolsas e 3% dos recursos de fomento⁵. Na Fapesp, são, ao todo, 15 áreas, dentre as quais Arquitetura e Urbanismo, especificamente, recebeu, em 2009, aproximadamente, 1% do total de recursos destinados a bolsas e auxílios regulares⁶.

Para Arquitetura e Urbanismo, à exceção de alguns aspectos de tecnologia que exigem equipamentos e ensaios, o laboratório é a cidade, é o espaço. É um laboratório que já está construído, cuja exploração demanda investimentos de outra natureza, sobretudo, em pesquisadores. A pesquisa na área requer gente, como principal insumo. Infelizmente, o fomento à pesquisa é fortemente configurado com base nas áreas que requerem laboratórios custosos, em que o custo e operação das instalações é muito maior do que o de pessoal. De uma forma geral, recebemos pouco e pedimos pouco porque as ofertas, muitas vezes, não contemplam nossas necessidades, que têm, na disponibilidade de pesquisadores, seu maior entrave. Nesses termos, é recente e bem-vinda opção da Fapesp, que permite inclusão de bolsas no total de recursos solicitados nos auxílios à pesquisa, bem como algumas chamadas específicas do CNPq que atribuem bolsas de Apoio Técnico e de Iniciação Científica.

Relativamente à pesquisa, há de ressaltar-se que a institucionalização da investigação científica e da pós-graduação no país é recente, de um modo geral. Mais ainda na área de Arquitetura e Urbanismo, cuja questão do corpo disciplinar é debate antigo e pouco definido; mexe, vira e segue mal resolvido. Na área, é necessário compreender e explicar processos que ocorrem na sociedade, desvelar a história, desenvolver tecnologias, mas há também criar, escolher. O espaço construído é produto de Estado, mercado e sociedade. Assim, exige teoria, para compreender os processos, exige referência empírica, exige repertório, mas, essencialmente, exige criação e opção.

O projeto é difícil. Criar é um desafio. Talvez por falta de tradição de pesquisa, talvez por autocensura, são freqüentes as teses e dissertações que apresentam uma longa síntese teórica, muitas vezes justaposição de autores, algumas vezes, inclusive, de vertentes teóricas incompatíveis, que pouco explicam os processos subjacentes ao objeto da pesquisa empírica e pouco inspiram as tomadas de decisão, as escolhas interpretativas, conclusões ou as opções de projeto ou política urbana. Ainda que diferenciados entre si, todos os campos da arquitetura e urbanismo têm em comum o desafio de serem propositivos. E a proposição exige escolhas e compromissos, exige ir além de métodos dedutivos ou de restringir-se às simulações.

(3) Grandes Áreas do Conhecimento, conforme adotado pelas agências de fomento no Brasil: Ciências Agrárias, Biológicas, da Saúde, Exatas, Humanas, Sociais Aplicadas, Engenharias, Linguística e Artes, Multidisciplinar.

(4) Geocapes. Acesso em: em 29/11/2010.

(5) CNPq – Estatísticas e indicadores do fomento, disponível em: http://www.cnpq.br/estatisticas/investimentos/area_conhecimento.htm, acesso em 29/11/2010.

(6) Fapesp, Relatório de Atividades 2009, p. 18, Tabela 1 – Recursos desembolsados por área de conhecimento. Disponível em: www.fapesp.br. Acesso em: 01/12/2010. Auxílios: 0,38 do total desembolsado, e, bolsas, 1,53, o que representa, no total dos recursos desembolsados por área, 0,91.

A PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA EM ARQUITETURA E URBANISMO E DESIGN⁷

O mais visível dos produtos da pesquisa na pós-graduação é o conjunto de dissertações e teses. Consiste, no entanto, em material de difícil acesso. Mais recentemente, a divulgação no portal Capes e nos portais das universidades vem sendo importantíssima forma de acesso, ainda que por dificuldades técnicas e de outras ordens implique em que a oferta seja apenas parcial.

É da maior relevância que se preste contas à sociedade dessa produção. Trata-se, portanto, de discutir a produção acadêmica, sua divulgação e impactos. A área Arquitetura e Urbanismo tem dificuldade em expressar-se nos formatos normalmente aceitos pela Ciência, por vezes, ser vista como pouco consolidada. Pode haver uma histórica rejeição em explicar-se, mas não é, certamente, um caso de pouca produção.

Do ponto de vista da divulgação e acesso, tradicionalmente, o referencial nas ciências é constituído pelos artigos publicados em periódicos científicos, indexados, cuja seriedade e impacto têm elementos mensuráveis. Em Arquitetura e Urbanismo e em Design são raros os periódicos indexados e a citação ou a referência a trabalhos nem sempre é um indicador de efetivo impacto.

Conta-se há anos com o Art Index (indicador de periódicos internacionais das áreas de Artes, Arquitetura e Urbanismo) e, localmente, com o *Índice da arquitetura brasileira*⁸, que abrange, exclusivamente, publicações nacionais. Não se constituem, no entanto, como indexadores, mas apenas como bases de dados.

Configurar esses dois aspectos para a área: divulgação e impacto, é um desafio. A pesquisa, a reflexão e a inovação circulam normalmente por meio de periódicos, livros e coletâneas. Poucos periódicos da área atendem, no entanto, ao padrão de serem indexados. A maior frequência de circulação da produção aparece nos eventos. É neles que as pesquisas em curso mostram-se e adensam-se, embora no próprio meio. É também particularmente significativa a produção de capítulos em coletâneas. No triênio 2004-2006 foram produzidos, pelo conjunto de programas da área de Arquitetura e Urbanismo e Design, 90 livros e 614 capítulos de livros, superando, expressivamente, o total de artigos em periódicos, que somaram 563. Essa condição levou a que se buscasse classificar os livros editados no triênio 2007-2009, para que essa produção, observada segundo parâmetros explicitados, fosse considerada no sistema de avaliação, cuja atribuição é da Capes.

A partir de um padrão de classificação de livros proposto pelo Conselho Técnico Científico de Ensino Superior (CTC-ES) da Capes⁹ e da disposição de trabalho apresentada por um grupo de docentes, foi indicada uma comissão, para o desenvolvimento de tal tarefa¹⁰.

Conforme o documento do CTC-ES, é considerado, como livro, um produto impresso ou eletrônico que possua ISBN ou INSS (para obras seriadas), contendo, no mínimo, 50 páginas, publicado por editora pública ou privada, associação científica e/ou cultural, instituição de pesquisa ou órgão oficial. Enquadram-se na categoria obras integrais, coletâneas, dicionários ou enciclopédias, anais (textos completos), desde que seu conteúdo traduza a natureza científica da produção.

A oportunidade de participar nesse processo de recolher e classificar livros evidenciou um potencial interessante, que cabe relatar. Representou a tentativa de sistematizar essa produção, procurando estabelecer parâmetros uniformes que caracterizassem qualidade. Seguindo parâmetros do documento acima referido, foram reunidos e observados livros produzidos pelo conjunto dos programas no triênio 2007-2009.

(7) O Design, quando autônomo em relação à Arquitetura e Urbanismo, é acolhido no CNPq nas áreas das Engenharias e, na Capes, nas Ciências Sociais Aplicadas, junto da Arquitetura e Urbanismo.

(8) Organizado desde 1950 pela Biblioteca da FAUUSP. Iniciou com 15 periódicos; atualmente, inclui 29. Abrange os periódicos disponíveis no acervo da FAUUSP, via assinatura ou intercâmbio.

(9) Roteiro para Classificação de Livros – Aprovado na 111ª reunião do CTC Capes, de 24 de agosto de 2009.

(10) Designada pela Coordenação da Área (Benamy Turkeniec – UFRGS), a comissão de livros foi formada por: Maria Lucia Refinetti Martins – USP – coordenadora da Comissão Livros; Júlio Van der Linden UFRGS – coordenador adjunto da área de AUeD; Carlos Eduardo Dias Comas – UFRGS; Denise Portinari – PUC-RIO; Gleice Elali – UFRN; Jupira Gomes de Mendonça – UFMG; Marizilda dos Santos Menezes – Unesp-Bauru; Sheila Walbe Ornstein – USP; e Wilson Ribeiro dos Santos Jr – PUC Campinas. A sistematização dos dados e produção de planilhas excel para visualização das coletâneas e classificação das obras foi desenvolvida pela bolsista de Iniciação Científica Sarah Daher Kobata Felipe.

Coube a cada um dos programas reunir os livros que produziu, preencher, para cada um, uma ficha de informações e encaminhar à comissão de livros para validação das fichas e classificação dos livros. Os trabalhos se desenvolveram com apoio da biblioteca da FAUUSP, que recebeu o conjunto de livros e respectivas fichas. As fichas preenchidas incluíram informações sobre autoria, editoria (editora, existência de conselho editorial, existência de apoio por agência de fomento), além de informações como: reedição, inclusão em coleção, publicação no exterior, vinculação a linhas de pesquisa do respectivo Programa de Pós-Graduação. Com base nessas fichas e na ponderação de cada um desses aspectos, os livros e coletâneas foram classificados em quatro níveis. Isso permitiu qualificar a produção dos diferentes programas de pós-graduação relativamente à difusão de conhecimentos por meio de livros¹¹.

Nesse processo, apenas aspectos formais e objetivos foram considerados, já que observar qualidade: relevância temática, caráter inovador da contribuição e potencial de impacto, além de representar empreitada de longo prazo, do qual não se dispunha, exigiria uma isenção ideológica de difícil prática na realidade de uma área ampla, diversificada e com metodologias, interpretações da realidade e proposições, muitas vezes antagônicas.

Não caberia, aqui, detalhar os procedimentos, mas vale, sim, destacar o panorama identificado, que revela o atual comportamento da área em relação à divulgação da pesquisa na modalidade livros. Dentre essa produção, 84 livros e 326 capítulos em Arquitetura e Urbanismo, 21 livros e 78 capítulos em Design, podem ser destacados:

- Livro ou coletânea produto de pesquisa: publicação apresentando os resultados de pesquisa, desenvolvida por um grupo, sob coordenação/orientação de um pesquisador mais experiente. Expressa, normalmente, o acúmulo do trabalho de vários anos.
- Livro produto de tese ou dissertação com apresentação feita pelo orientador. Muitas vezes essa apresentação ou prefácio constitui artigo interessante que relaciona a tese ou dissertação a uma pesquisa mais ampla liderada pelo orientador.
- Coletânea temática. Produto da reunião de artigos encomendados pelo organizador. Há também casos em que o processo de produção é associado a uma oficina ou seminário do grupo de autores.
- Coletânea composta pela reunião de artigos selecionados entre os mais expressivos, apresentados em evento. Uma apresentação do evento e do significado da seleção valoriza e situa a obra, diferentemente dos simples anais de eventos, que incorporam todos os textos apresentados e não-considerados como livros.
- Tradução com apresentação. Em menor proporção de ocorrência encontram-se traduções de obras de autores estrangeiros, em que o tradutor desenvolve um importante prefácio, situando a obra e sua relevância no contexto brasileiro.
- A área tem forte incidência de pesquisas em políticas públicas e mesmo no subsídio à formulação, práticas e avaliação das mesmas. Há relevantes produções que evidenciam a prática como uma espécie de matéria empírica e, por outro lado, a reflexão teórica enriquecendo essa prática.
- No campo das artes – aí incluída a Arquitetura, além das Artes Plásticas, há inúmeras produções, tanto de pesquisa direta quanto de reflexão sobre a obra de determinado autor ou período. São, em geral, livros produzidos com apoio de programas de incentivo à cultura, muito bem ilustrados, com alta qualidade gráfica e um prefácio denso que articula as reflexões.

(11) Esse item representa apenas 1/3 do que é atribuído à produção, já que essa inclui: livros, periódicos e anais de eventos.

(12) MARICATO, E. *A FAU pesquisa nos seus 60 anos – Pesquisas em andamento 2007-2008*. São Paulo: FAUUSP, 2008, p. 9 e 10. A apresentação desse trabalho traz uma objetiva história da pesquisa na FAUUSP e vê-se como dando seqüência à iniciativa que gerou a publicação *A Fau pesquisa em seus 50 anos*, organizada por Maria Ruth Amaral de Sampaio, em 1998.

- Tanto no campo das artes quanto da tecnologia (tipologia de construções, materiais) ou do projeto, um tipo de produção é freqüente: um prefácio elaborado por pesquisador/docente de programa de pós-graduação, que teoriza e interpreta determinada produção técnica ou artística no âmbito de sua linha de pesquisa.

- Com formato similar ao anterior, há também livros sobre a obra de arquiteto ou artista, de própria autoria ou de terceiro, com apresentação por pesquisador/docente. Essa apresentação consiste, na maioria das vezes, em ensaio teórico relativo ao tema retratado no livro ou em análise quanto à inserção da produção prática retratada no livro, no cenário nacional ou internacional.

- O apoio à edição provém de agências de fomento, dos próprios programas ou universidades, de recursos de pesquisas apoiadas por agências de fomento e, com grande freqüência, de recursos de programas de apoio à cultura (por exemplo, a Lei Rouanet e equivalentes estaduais).

Apesar de trabalhoso e difícil, foi muito interessante o trabalho de resgatar e identificar a produção da área divulgada em livros. Essa primeira tentativa arrolou apenas aspectos mais formais que expressam níveis diferenciados de consistência ou reconhecimento dessa produção. O prosseguimento poderá levar a evidenciar aspectos como caráter inovador e potencial de impacto. Poderia levar também à elaboração de um cadastro permanente, que opere como base de dados.

É inadmissível pensar que esse tipo de trabalho, com o potencial que tem, apesar de suas limitações e defeitos, seja utilizado apenas para a avaliação e estratificação dos cursos de pós-graduação. Esse material, se melhor trabalhado, pode ser de grande utilidade social, como sistematização e publicização de conhecimentos produzidos na área, além de referência para pesquisas e para os cursos de graduação.

O CONTEXTO DA FAUUSP

O curso de arquitetura e urbanismo na FAUUSP tem 60 anos; o programa de pós-graduação surgiu apenas muito depois. A formação ampla que está em nossa fundação, a graduação é, conforme Maricato (2008)¹², *“característica virtuosa que afirma a formação e recusa o treinamento, mas, ao mesmo tempo, geradora de dispersão e insatisfações... Discussões e fóruns de debates sobre o currículo da escola – com maior acento sobre o ensino do que sobre a pesquisa – tornaram-se muito freqüentes na história da faculdade, tendo como focos principais a superação da fragmentação e a integração interdisciplinar. O que chama atenção nesse percurso, é que a busca da integração, durante esses anos, foi acompanhada de um resultado, no mínimo intrigante: a fragmentação se aprofundou”*.

Mais que nunca é necessário superar esse quadro. E aí está a dificuldade e principal desafio à pós-graduação. No atual contexto de amplitude do conhecimento, sem trabalho coletivo não se faz pesquisa, não se produz conhecimento.

A Comissão de Pós Graduação, constituída por representantes de cada uma das oito áreas de concentração e pela representação discente, tem trabalhado em um esforço claro de superar a fragmentação, por meio do diálogo e da explicitação, sem receio das diferenças políticas, de foco, de abordagem e de método. Em um caminho inverso de forçar a integração a qualquer preço, vai conquistando-a a partir do reconhecimento da diversidade.

Em um esforço conjunto, dá seqüência ao trabalho já acumulado desde sua reestruturação iniciada em 2001 e implantada em 2003, em que a área única

Estruturas Ambientais Urbanas se encerrou, sendo criadas as atuais oito áreas: Design e Arquitetura, Hábitat, História e Fundamentos da Arquitetura e Urbanismo, Paisagem e Ambiente, Planejamento Urbano e Regional, Projeto da Arquitetura, Projeto, Espaço e Cultura, Tecnologia da Arquitetura.

A força criativa da FAU tem sido, em seus mais de 60 anos, a improgramável convivência de talentos e impulsos divergentes. Recortá-los, tanto quanto buscar conciliá-los, enquadrá-los em um projeto único, é apagar sua energia. A pós-graduação vem enfrentando essa esfinge, apostando no impulso de dar vazão às diversas verdades. Há espaço para todos os que se propõem a crescer com grandeza. Um raio imensamente largo para acolher as diversidades, mas com limites muito claros, visíveis e pactuados.

A consolidação das áreas de concentração proporcionou à nossa pós-graduação uma configuração ainda em construção, mas já reconhecível. As áreas representam a possibilidade do exercício da diversidade, mas também o espaço para a construção de identidades. Os seminários de pesquisas das áreas vêm buscando a sistematização da produção em termos dos principais temas trabalhados por docentes e discentes. Isso propiciará maior densidade e visibilidade da produção, permitindo observar, com a experiência acumulada, avanços e necessidades de ajustes das áreas com relação às linhas de pesquisa, orientadores e disciplinas. Desde a implantação dessa nova estrutura, passou-se já por um processo de recredenciamento de orientadores e de disciplinas, em que várias foram desativadas, outras tantas criadas, constituindo um quadro que merece uma apreciação e debate. Na relação da pós-graduação com a graduação, se, de um lado, há dinâmicas próprias, de outro, na esfera acadêmica e da produção do conhecimento, é importante que os avanços produzidos na pós sejam melhor incorporados pela graduação.

NOVO QUADRO INTERNACIONAL

Saindo de “dentro de casa” para o outro extremo, há de observar-se o que vem ocorrendo no plano nacional e internacional em relação à pós-graduação.

As relações internacionais na esfera acadêmica em todo o país, na área de Arquitetura e Urbanismo, têm sido predominantemente de formação em países europeus ou nos Estados Unidos. No plano da pesquisa há convênios e projetos conjuntos, diversos docentes que fizeram sua formação pós-graduada no exterior, nesses países, parte da formação (bolsa sanduíche) ou aí desenvolveram programas de pós-doutorado. Desse contato resultam casos de professores visitantes e pesquisas em comum, mas dificilmente de candidatas a alunos.

Mais recentemente busca-se fomentar um diálogo sul-sul e as agências de fomento promovem programas dirigidos à América Latina e África. O país conta desde alguns anos com o Programa de Estudante-Convênio de Pós-Graduação – PEC-PG, que se insere no campo da Cooperação Internacional do Brasil. Operado pelo Ministério das Relações Exteriores, oferece bolsas a estudantes de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém Acordo de Cooperação Cultural e/ou Educacional e traz esses estudantes aos nossos programas. Representam o principal grupo estrangeiro que tem procurado a área enquanto discentes.

Presentemente, um aspecto novo vem se apresentando: a maior visibilidade do Brasil no plano internacional tem ampliado significativamente a demanda de estrangeiros pela pós-graduação. Não há elementos suficientes no momento para que se avalie se é um processo geral, mas o que vem surpreendendo

recentemente é a consulta por parte de graduados estrangeiros, inclusive europeus, americanos e mesmo australianos quanto à forma de acesso a vagas na pós-graduação. Provavelmente, resulta da nova visibilidade do Brasil no plano internacional e representam uma novidade, certamente desafiadora.

ENTÃO...

Enlace entre as áreas da Ciência e Tecnologia e da Educação, a pós-graduação é, sem dúvida, um espaço em crescimento e renovação. Facilitar a apropriação de sua produção pela sociedade brasileira, pelo sistema produtivo e pelas políticas públicas, é ainda uma grande dívida.

O Brasil, por meio de instituições sólidas, tem consignado um sistema de pós-graduação respeitado. O processo de acreditação e avaliação promovido pela Capes é uma referência, particularmente no quadro latino-americano.

Toda avaliação é uma forma de prestar contas, mas garantir que os esforços envolvidos em tais processos se desdobrem em aproveitamento, pela coletividade, das informações e do conhecimento gerado é, sem dúvida, o maior desafio.

Esse desafio é nosso, de cada programa de pós-graduação e do coletivo de programas. Há um quadro geral, talvez pouco “amigável” à área de Arquitetura e Urbanismo, de regras e parâmetros, mas há, sem dúvida, um enorme espaço para contribuir na tarefa de evidenciar a pesquisa na área e sua especificidade, e trabalhar o processo de avaliação como efetiva oportunidade de prestação de contas à nossa sociedade.